

TRABALHO DE INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA EM EQUIPE NO BRASIL: UMA ANÁLISE PRELIMINAR DO PERFIL E CONCEPÇÕES DE TILSP

Team Simultaneous Interpretation Work in Brazil: A Preliminary Analysis of the Profile and Conceptions of Brazilian Sign Language Translators and Interpreters

DOI: 10.14393/LL63-v37n2-2021-12

Johnny César dos Santos*

José Luiz Vila Real Gonçalves**

Norma Barbosa de Lima Fonseca***

RESUMO: Neste estudo abordamos a temática da Interpretação Simultânea em Equipe a partir de uma análise de perfil sociodemográfico e linguístico de Tradutores e Intérpretes de Libras-Português (TILSP) atuantes em diversas instituições de ensino brasileiras. A partir dessa análise, constatamos uma progressiva mudança do perfil formativo dos TILSP. Foi possível discutir também a abordagem da temática da Interpretação Simultânea em Equipe com base nos modelos de interpretação em equipe de Hoza (2010) e nos estudos de Brück (2011) e Nogueira (2016). Problematicamos questões relacionadas à preferência, ao conhecimento e à formação de TILSP no que se refere a esse tipo de atuação. Propomos, então, reflexões sobre a necessidade de ampliar a abordagem às questões voltadas para a Interpretação Simultânea em Equipe e a inclusão delas em cursos de formação.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução e interpretação de Libras. Perfil sociodemográfico e linguístico de TILSP. Interpretação individual. Interpretação em equipe. Concepções sobre trabalho em equipe.

ABSTRACT: In this study we approach Team Simultaneous Interpretation issues through an analysis of the linguistic, academic, and professional profile of Brazilian Sign Language (Libras) – Brazilian Portuguese Translators and Interpreters (TILSP) working in several educational institutions. Data analysis showed a progressive change in the profile of the TILSP. We discuss the approach to Team Simultaneous Interpretation issues based on the models by Hoza (2010) and on the studies by Brück (2011) and Nogueira 2016. We also problematize issues related to preference, knowledge, and education of TILSP regarding team simultaneous interpreting. We propose expanding the Team Simultaneous Interpretation discussions approach and their inclusion in TILSP training programs.

KEYWORDS: Brazilian Sign Language translation and interpreting. Linguistic, educational, and professional profile of sign language translators and interpreters. Individual interpreting. Team interpreting. Conceptions on team interpreting.

* Mestre em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Professor de Libras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS). ORCID: 0000-0002-9030-4264. E-mail: johnnycstils(AT)gmail.com

** Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Associado da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). ORCID: 0000-0002-4669-2677. E-mail: zeluizvr(AT)ufop.edu.br

*** Residente pós-doutoral em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pós-doutora em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mestre e doutora pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora no Colégio Militar de Belo Horizonte (CMBH). ORCID: 0000-0002-0207-4789. E-mail: normafonseca(AT)gmail.com

1 Introdução

Neste trabalho, os campos dos Estudos da Tradução (ET) e dos Estudos da Interpretação (EI) serão considerados conjuntamente, da perspectiva do conceito de *translação*, servindo de base para a consolidação do campo dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS), conforme discutem Rodrigues e Beer (2015)¹.

O trabalho de interpretação em equipe, apesar de ser uma prática habitual para intérpretes de línguas vocais-auditivas, é uma temática ainda pouco abordada nas pesquisas de interpretação simultânea de línguas gestuais-visuais, dentre elas a Língua Brasileira de Sinais (Libras), conforme distinção feita por Rodrigues (2018). Nesta pesquisa, sempre que citarmos a expressão “trabalho de interpretação em equipe”, estaremos nos referindo a uma atividade que envolve muito mais que um simples revezamento entre intérpretes ou um apoio; nós nos referimos a um trabalho mais amplo, complexo e interdependente envolvendo dois ou mais profissionais (HOZA, 2011; NOGUEIRA, 2016; GESSER; NOGUEIRA, 2018). Nos últimos anos, com o crescimento e a expansão da atuação de intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (Libras), é comum ouvir falar ou presenciar atuações de equipes em conferências (NOGUEIRA, 2016), em salas de aula de escolas e universidades e apresentações artístico-culturais. No entanto, as discussões teóricas que tratam sobre a temática do trabalho de interpretação em equipe são ainda inexpressivas, conforme apontado por Gesser e Nogueira (2018).

No âmbito da literatura internacional sobre trabalho em equipe de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais-Português (TILSP), podemos destacar os trabalhos de Hoza (2010) e Brück (2011). Hoza (2010) faz uma descrição pormenorizada de situações e condições para a execução de um trabalho em equipe bem como descreve três modelos de atuação em equipe: (a) o *on/off*, (ativo/inativo), (b) o de monitoramento ou intérprete apoio e (c) a interpretação colaborativa e interdependente e seus desdobramentos. Brück (2011) analisa as

¹ “Considerando as semelhanças entre tradução e interpretação, Kade, em 1968, cunhou o termo alemão *translation* para englobar essas duas modalidades (apud PÖCHHACKER, 1992, p. 213). Reiss e Vermeer, em 1984, ao formularem uma Teoria Geral de Tradução e Interpretação (*Allgemeinen Translationstheorie*) usaram o mesmo termo. Portanto, usamos o termo aqui para nos referir ao processo de condução de material linguístico de uma língua à outra sem indicar a definição da forma por meio da qual isso se operacionaliza.” (RODRIGUES; BEER, 2015, p. 43-44)

percepções de oito estudantes surdos usuários da Língua de Sinais Austríaca e de oito dos intérpretes desses usuários sobre a atuação de intérpretes que trabalham em equipe.

No Brasil, há o trabalho de Nogueira (2016), um dos pioneiros em pesquisa de interpretação simultânea em equipe no país. A pesquisa de Nogueira (2016) concentra-se em investigar a atuação de equipes de intérpretes de Libras-português em cabines durante conferências, analisando a influência de fatores como competência tradutória, formação e condições de trabalho e seus possíveis impactos no trabalho em equipe.

Como uma complementação desses estudos, que são detalhados na seção seguinte, este estudo visa traçar o perfil de TILSP atuantes em diversas instituições de ensino, públicas e privadas, dos níveis básico, técnico profissionalizante e superior, do Brasil, com base em dados sobre a formação, o tempo de atuação e o nível de conhecimento das línguas envolvidas (L1, língua materna, a primeira língua adquirida; L2, a segunda língua, a língua adquirida posteriormente à aquisição da primeira língua), contribuindo, desse modo, para os Estudos de Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS). Esta pesquisa objetiva também fazer um levantamento das concepções e percepções que os TILSP brasileiros têm sobre o trabalho em equipe. A partir desse levantamento, é realizada uma análise preliminar sobre esse tipo de trabalho e como ele se relaciona com o perfil dos informantes, visando expandir, assim, o conhecimento sobre o trabalho em equipe de TILSP no Brasil.

Para atingir esses objetivos, este artigo apresenta, além desta introdução, os pressupostos teóricos sobre o perfil de TILSP e o trabalho em equipe de TILSP, a metodologia utilizada para o desenvolvimento inicial desta pesquisa, os resultados e discussões preliminares de respostas a perguntas de um questionário de perfil e de concepções de TILSP sobre o trabalho em equipe e as considerações finais, incluindo possíveis desdobramentos para o desenvolvimento de trabalhos de pesquisa na área.

A seguir, apresentamos os pressupostos teóricos que embasam a realização deste estudo preliminar.

2 Pressupostos teóricos

Nesta seção, são descritos estudos que fundamentaram o desenvolvimento deste trabalho. Primeiro, abordam-se os estudos que investigaram perfil do TILSP. Em seguida, são detalhadas pesquisas que discutiram sobre o trabalho de interpretação simultânea em equipe.

2.1 Perfil dos TILSP

As pesquisas descritivas que coletam informações para analisar perfil, detectar padrões de atuações e comportamentos ou até mesmo confrontar conhecimentos de ordem teórica com os de prática têm contribuído muito com as diversas áreas do conhecimento. Na Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais, não é diferente; é possível identificar pesquisas que investigam, na última década, perfis de TILSP (LACERDA; GURGEL, 2011; SILVA; FERNANDES, 2018; MARTINS; NASCIMENTO, 2015; OLIVEIRA, 2019; SANTOS, 2020).

Pesquisadores como Lacerda e Gurgel (2011), por exemplo, investigaram o perfil de Tradutores e Intérpretes de Libras atuantes no ensino superior nas diversas regiões do Brasil. As autoras coletaram e analisaram dados sociodemográficos, graus de formação e áreas de atuação dos TILSP, dentre outros, em diferentes instituições do país. Os resultados apontaram, por exemplo, o fato de as áreas de formação serem bem diversas, como Psicologia, História, Fonoaudiologia. Observou-se também que a maioria dos TILSP buscava obter o Prolibras (Exame Nacional para Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais e para Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras-Língua Portuguesa).

Martins e Nascimento (2015), por sua vez, realizaram uma pesquisa por meio da aplicação de um questionário que foi respondido por graduandos matriculados na primeira turma do curso Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), para traçar o perfil desses ingressantes. Nessa pesquisa, os autores constataram uma mudança de perfil de quem busca formação na área de Tradução e Interpretação de Libras-português ao compararem os resultados de sua pesquisa com os resultados de estudos anteriores que evidenciaram que os TILSP, nas décadas de 80, 90 e 2000, geralmente eram pessoas que tinham tido contato com a comunidade surda e aprendido a Libras nesse e em outros contextos informais (QUADROS, 2004; ROSA, 2005; LEITE, 2004; LACERDA, 2009; ASSIS SILVA, 2012). Nessa comparação, Martins e Nascimento (2015)

apontaram que os ingressantes em cursos da área passaram a ser, na sua maioria, pessoas que não tinham contato prévio com a Libras ou com a comunidade surda. Essa mudança de perfil é, possivelmente, segundo os autores, consequência de questões legais como a regulamentação da profissão de Tradutores e Intérpretes de Libras, conforme a Lei nº 12.319/2010.

Além de traçar o perfil de caráter sociodemográfico e linguístico dos intérpretes no par linguístico Libras-português, este estudo busca contribuir para a discussão sobre a atuação de TILSP no processo de interpretação simultânea, mais especificamente no trabalho em equipe. Neste sentido, consideram-se as pesquisas sobre essa temática, conforme postulado na seção a seguir.

2.2 Trabalho em equipe

O trabalho de interpretação em equipe remonta ao pós-guerra, mais especificamente ao Julgamento de Nuremberg, em que, segundo Pagura (2003), eram utilizados quatro idiomas (inglês, francês, russo e alemão) para ouvir e questionar os envolvidos no processo de investigação. Na atuação dos intérpretes, já naquela época, tinha-se por hábito o trabalho em duplas. Os intérpretes ficavam isolados em uma cabine de vidro, onde, com a ajuda de um equipamento semelhante a rádios portáteis, recebiam a mensagem falada em seus fones de ouvido, as traduziam e as retransmitiam aos ouvintes por meio de microfones ligados ao sistema de som. Pagura (2003) salienta que o trabalho dessas equipes de intérpretes e tradutores era exaustivo tanto fisicamente, devido às horas de depoimentos colhidos, quanto emocionalmente. Esse desgaste emocional era comum, pois o teor dos depoimentos envolvia, muitas vezes, torturas e atrocidades que precisavam ser traduzidas devidamente, visando a um julgamento justo.

A partir desse histórico inicial dos Estudos da Tradução e da Interpretação em equipe, salientamos algumas das escassas pesquisas que analisam e propõem discussões sobre a atuação de equipes de tradução e interpretação de línguas de sinais. Esses estudos foram sendo cunhados ao longo da última década e atualmente fazem parte da esteira de estudos que abordam a atuação de TILSP em equipe.

Hoza (2010), no livro *Team Interpreting: as Collaboration as Interdependent*, apresenta os resultados de dois estudos que enfocaram o processo de interpretação simultânea em equipe, incluindo a pré e a pós-interpretação, no par linguístico ASL (*American Sign Language*, Língua Americana de Sinais) – inglês. Nessa pesquisa, Hoza (2010) destaca três modelos de interpretação em equipe: (a) *on/off* (ativo/inativo), (b) monitoramento e (c) interpretação colaborativa e interdependente.

No modelo *on/off*, um intérprete fica na função ativa da interpretação enquanto o outro se encontra em uma posição de descanso, não exercendo uma atividade de colaboração, aguardando apenas o tempo estipulado para que as posições sejam trocadas novamente. Nesse modelo, Hoza (2010) destaca que a dupla visa somente ao revezamento de postos, e suas trocas estão ligadas mais a fatores relacionados ao cansaço físico e mental.

No modelo de monitoramento que pode ser entendido também como modelo com intérprete de apoio, Hoza (2010) destaca que, enquanto o intérprete do turno atua, o intérprete na posição de apoio continua participando do processo de interpretação com *feedbacks* vocabulares ou auxiliando o seu parceiro de interpretação em possíveis erros cometidos. Sendo assim, o intérprete na posição de apoio trabalha no que o autor chama de “monitoramento do processo” (HOZA, 2010, p. 6). É interessante notar que diferentemente do primeiro modelo, no qual antes o trabalho dos TILSP era independente e visava especialmente ao alívio do cansaço, o enfoque agora é a qualidade e a precisão da interpretação, que passa a ser de responsabilidade da dupla.

O terceiro modelo, interpretação colaborativa e interdependente, é o que Hoza (2010) considera o modelo ideal de interpretação/trabalho em equipe, pois “a pré-interpretação, a interpretação e a pós-interpretação devem ser pensadas e decididas em equipe” (HOZA, 2010, p. 13). Para ele, nesse modelo, o revezamento não é apenas para proporcionar um alívio ao companheiro de interpretação. Como “a colaboração e a interdependência ocorrem antes, durante e após o momento da interpretação” (HOZA, 2010, p. 9), o apoio vai além de correções de possíveis erros do parceiro; os intérpretes trabalham como uma unidade, tendo como objetivo a excelência na tarefa de interpretação.

A principal diferença entre o modelo de intérprete de apoio e o modelo de interpretação colaborativa e interdependente é o fato de que, nesse último, a dupla forma uma

unidade, proporcionando o alívio no processo de revezamento, efetuando o monitoramento das produções e tomando decisões que são acatadas durante o processo conjuntamente, uma vez que, nessa modalidade, o trabalho é da dupla, indivisível e não fragmentável (HOZA, 2010). Portanto, segundo o autor, esse modelo abarca os dois anteriores e preza também pela colaboração mútua entre os membros da equipe que caracterizará os possíveis bons resultados do trabalho de uma interpretação em equipe.

Em consonância com os estudos de Hoza (2010), Brück (2011) analisa entrevistas com intérpretes de língua de sinais e com surdos universitários receptores dessas interpretações para investigar as percepções de estudantes universitários surdos e de intérpretes da ÖGS (*Österreichische Gebärdensprache*, Língua de Sinais Austríaca) sobre a atuação de intérpretes em equipe. Em suas discussões, a autora aborda aspectos positivos e negativos do trabalho em equipe, com ênfase no processo de interpretação simultânea e na qualidade dessa.

Em entrevista com os intérpretes, Brück (2011) observa que esses profissionais, no geral, não conhecem como se deve trabalhar em equipe, nem mesmo sua finalidade na perspectiva de interdependência, conforme descrito por Hoza (2010). Esse desconhecimento pode ser confirmado nas entrevistas que a autora realiza com os surdos, os quais, em sua maioria, não percebiam uma unidade na atuação dos intérpretes, ainda que estes estivessem atuando em duplas. Para Brück (2011), isso reflete bem o que Hoza (2010) classifica como a modalidade *on/off*, ou seja, os intérpretes, apesar de trabalharem em duplas, faziam um trabalho individual e usavam o momento de não atuação — *off* — para se desligarem da tarefa e unicamente descansarem.

No Brasil, o trabalho em equipe de intérpretes de Libras-português ganha destaque com o estudo de Nogueira (2016), que teve como objetivo, dentre outros, analisar a percepção de trabalho em equipe dos TILSP e a forma como se dava essa modalidade de trabalho no processo de interpretação nas cabines. Nesse estudo, o autor acompanha e descreve em pormenores a atuação de seis TILSP em uma equipe, que realizam um trabalho de interpretação simultânea em cabine durante o IV Congresso de Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, na Universidade Federal de Santa Catarina, em 2014.

Os seis participantes do estudo de Nogueira (2016) tinham mais de 12 anos de atuação como intérpretes e todos possuíam a certificação do Prolibras. A pesquisa consistiu na

filmagem das atuações em equipe e em entrevistas retrospectivas no intuito de coletar as percepções dos participantes acerca das interpretações realizadas.

Ao concluir sobre as atuações desses intérpretes, Nogueira (2016) destaca fatores que podem influenciar a qualidade de uma atuação em equipe, como a formação e a relação interpessoal entre os membros das equipes. Com relação ao primeiro aspecto, muitos participantes informaram que não tiveram ou tiveram apenas pontualmente a temática “trabalho em equipe” abordada durante a formação acadêmica. Ao relatar sobre a relação entre os membros das equipes, o autor salienta: “Destaca-se na fala dos intérpretes a boa relação entre a equipe, e conseqüentemente as vantagens desse tipo de relação para o trabalho colaborativo” (NOGUEIRA, 2018, p. 51). O autor também ressalta a manutenção da alta qualidade da interpretação nas atuações em equipes, advinda do revezamento que alivia o cansaço, o apoio com os *feedbacks* e a interdependência, que geraram uma unidade no trabalho, confirmando os postulados do modelo de interpretação colaborativa e interdependente de Hoza (2010).

Baseando-se nessas pesquisas, este estudo relata a análise preliminar de uma pesquisa que está sendo desenvolvida em um programa de pós-graduação em uma instituição brasileira e busca complementar estudos anteriores sobre o trabalho em equipe de TILSP, em contextos diversos, incluindo conferências, instituições de ensino etc. Para realizar essa contribuição para os ETILS, a seção a seguir apresenta a metodologia inicial utilizada para traçar o perfil dos TILSP atuantes no Brasil e investigar as concepções deles sobre o trabalho em equipe.

3 Metodologia

Esta pesquisa é de cunho descritivo e tem como objetivo levantar dados e características de um determinado grupo (GIL, 2002). No caso deste estudo, coletamos, dados sociodemográficos, sobre a escolaridade, formação, tempo de atuação como TILSP, conhecimentos sobre interpretação simultânea em equipe e domínio das línguas envolvidas (Libras e português) de tradutores e intérpretes atuantes em diversas instituições no Brasil.

Para coletar esses dados, utilizamos um questionário de perfil, adaptado da pesquisa de Oliveira (2019), que foi respondido por TILSP que trabalham no par linguístico Libras-português. O questionário foi aplicado online, por meio da disponibilização de um *link* via correio

eletrônico aos informantes para preenchimento na plataforma *Google Forms*, de abril de 2019 a junho de 2019.

O questionário foi respondido por 40 TILSP que trabalham em instituições públicas e privadas, que atendem a alunos que estudam na educação básica, na educação profissional, científica e tecnológica e na educação superior no Brasil. As respostas consolidadas às perguntas do questionário são apresentadas e discutidas a seguir.

4 Resultados e discussões

A fim de melhor traçar o perfil e verificar possíveis relações desse perfil com as concepções sobre o trabalho em equipe, essa seção é subdividida em duas subseções: 4.1 Perfil dos TILSP e 4.2 Atuação e concepções sobre trabalho em equipe. Na primeira delas, apresentamos e discutimos os resultados de aspectos relacionados ao perfil dos informantes, como escolaridade, formação acadêmica e tempo de atuação. Na segunda, verificamos se esses resultados podem ser associados às concepções dos TILSP sobre trabalho em equipe.

4.1 Análise do perfil dos TILSP

Os resultados consolidados das respostas às perguntas sobre o perfil dos TILSP são apresentados e discutidos a seguir, sendo agrupados em Perfil sociodemográfico e Perfil linguístico (L1 e L2). O primeiro inclui aspectos como gênero, faixa etária, formação acadêmica e renda, enquanto o segundo abrange o domínio de línguas (L1 e L2), os meios de contato e de aprendizagem da Libras, que podem estar relacionados à formação acadêmica e à certificação do ProLibras.

4.1.1 Perfil sociodemográfico

Dos 40 TILSP que responderam ao questionário, 31 (77,5%) são mulheres e nove (22,5%), homens. A faixa etária dos informantes varia de 25 a 57 anos; todos são servidores públicos e residentes no Espírito Santo, em Minas Gerais, em Roraima ou no Distrito Federal.

Conforme a legislação brasileira, a escolaridade exigida para atuação como TILSP é o Ensino Médio. Como o Gráfico 1 a seguir aponta, apenas 5% dos informantes dessa pesquisa,

nessa análise inicial, possuem exclusivamente esse nível de escolaridade. Esse resultado indica que, apesar de não ser obrigatória a formação superior, a maioria tem esse tipo de formação, sendo que 57,5% dos TILSP concluíram um único curso de graduação e 37,5% concluíram dois cursos.

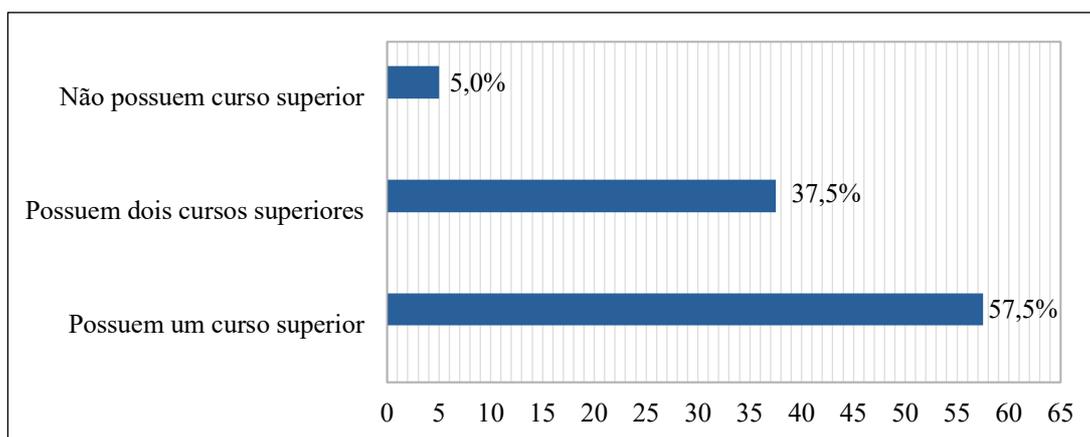


Gráfico 1 – Escolaridade

Fonte: elaborado pelos autores.

Essa formação acadêmica é diversificada, conforme indica o Gráfico 2, a seguir, havendo dois cursos de graduação comumente frequentados pelos TILSP: 28% concluíram o curso Letras-Libras, sendo, nesta pesquisa, consideradas conjuntamente as modalidades Licenciatura e Bacharelado, e 28% Pedagogia. Assim, esses dois cursos representam a formação de mais de 50% dos informantes da nossa pesquisa.

Esse destaque no curso de Pedagogia como escolha de curso dos informantes corrobora os resultados das pesquisas de Gurgel (2010) e Lacerda e Gurgel (2011), que, ao traçarem o perfil de formação dos TILSP, constataram que a maioria dos informantes também era formada nesse curso, conforme o Gráfico 3, a seguir. Segundo Gurgel (2010), essa escolha é decorrente das discussões sobre surdez e Libras serem comuns às áreas da Educação e Educação Inclusiva, sendo parte inclusive das ementas de cursos dessas áreas.

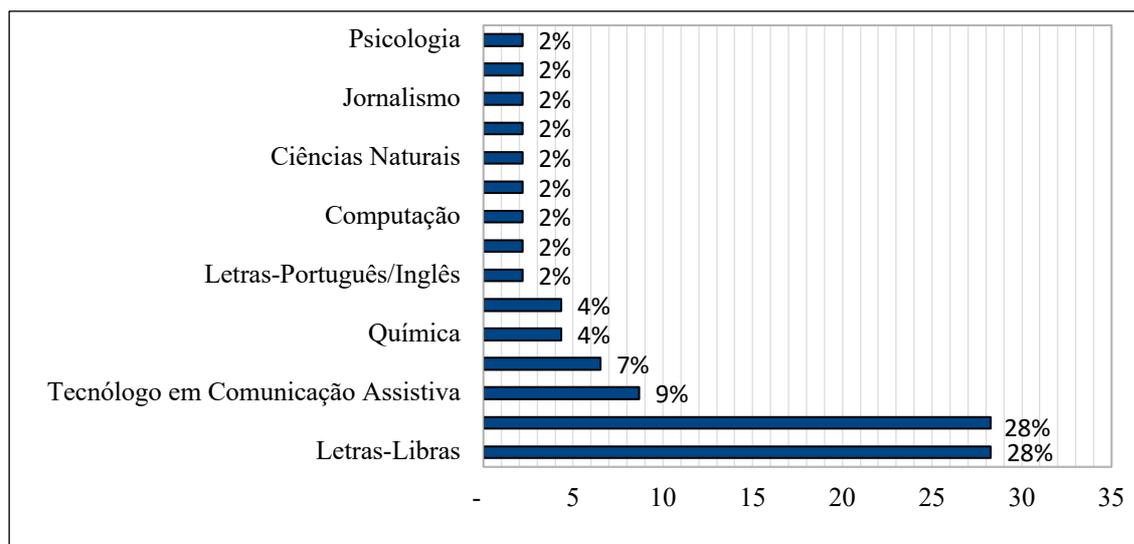


Gráfico 2² – Áreas de formação dos informantes graduados

Fonte: elaborado pelos autores.

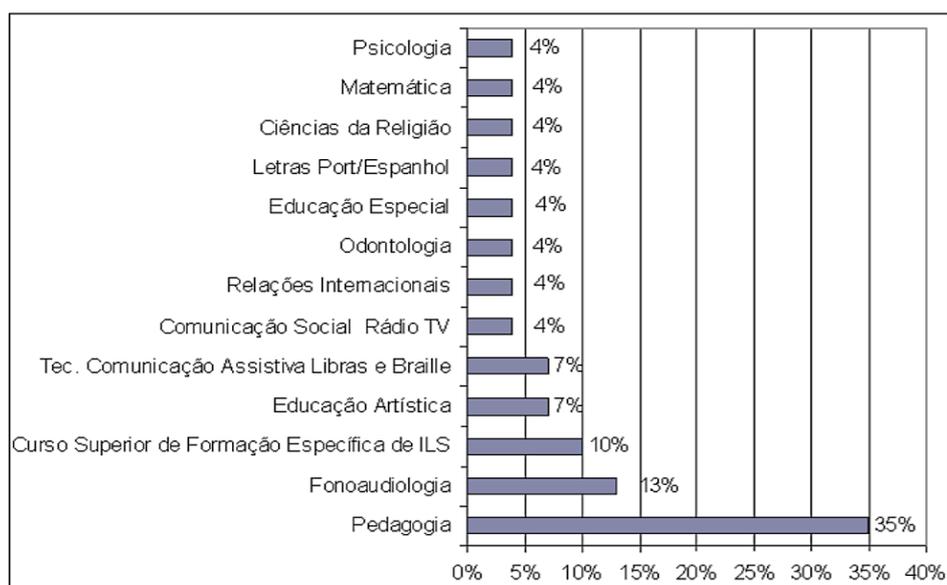


Gráfico 3 – Formação em curso superior

Fonte: Lacerda e Gurgel (2011, p. 487).

Em 2006, temos como marco histórico a oferta do primeiro curso de Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na modalidade de educação a distância com

² Alguns dos informantes concluíram mais de um curso de graduação, e todos esses cursos foram incluídos nos resultados consolidados nesse Gráfico.

nove polos presenciais por todo o Brasil. Com a conclusão do curso pelas primeiras turmas e com a implementação de cursos de tradução e interpretação de Libras em outras instituições, temos uma mudança no perfil de formação dos intérpretes de Libras (NASCIMENTO; MARTINS, 2015). O percentual de TILSP formados em Letras-Libras (28%), conforme o Gráfico 2 acima, é uma evidência disso.

Ademais, 35% dos informantes estavam matriculados em algum curso de graduação, sendo que 5% estavam cursando sua primeira graduação e 30% estavam cursando uma segunda graduação. As áreas de formação são especificadas no Gráfico 4, a seguir.

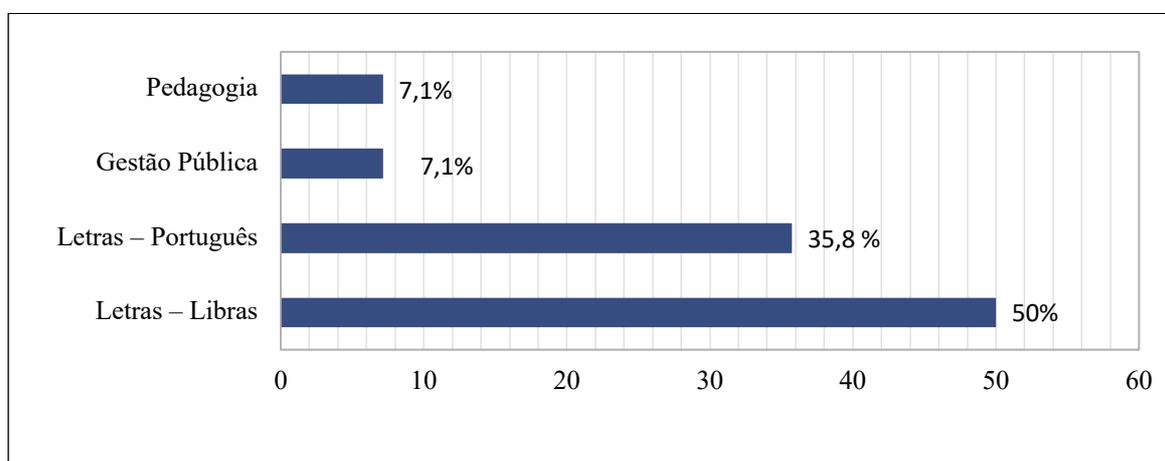


Gráfico 4 – Áreas de formação dos graduandos

Fonte: elaborado pelos autores.

A partir do Gráfico 4, é possível confirmar essa mudança na escolha de áreas de formação pelos TILSP; o curso de maior interesse é o de Letras-Libras (50%), seguido pelo de Letras-Português (35,8%), e os cursos de Pedagogia e Gestão Pública são a escolha de 7,1% dos informantes cada um. Quando esses resultados são comparados aos do Gráfico 2 e aos resultados de Gurgel e Lacerda (2011) no Gráfico 3, observamos que há uma mudança na visão da profissão e no perfil do ingressante (LACERDA; GURGEL, 2011; NASCIMENTO; MARTINS, 2015).

Esses resultados parecem evidenciar o interesse de TILSP, tanto graduados quanto graduandos, por cursos que enfoquem as línguas envolvidas (Libras e/ou Português), havendo uma preocupação de caráter mais linguístico e profissional em substituição ao caráter

assistencialista e comunitário da profissão do TILSP (MARTINS; NASCIMENTO, 2015). Por fim, infere-se que tal mudança no perfil de formação pode trazer também reflexos sobre a visão da surdez, que passa a ter um enfoque cada vez menor na deficiência, e maior nos aspectos antropológicos e linguísticos (PERLIN, 1998).

Nosso estudo também verificou, conforme aponta o Gráfico 5, as áreas de formação dos TILSP em nível de pós-graduação.

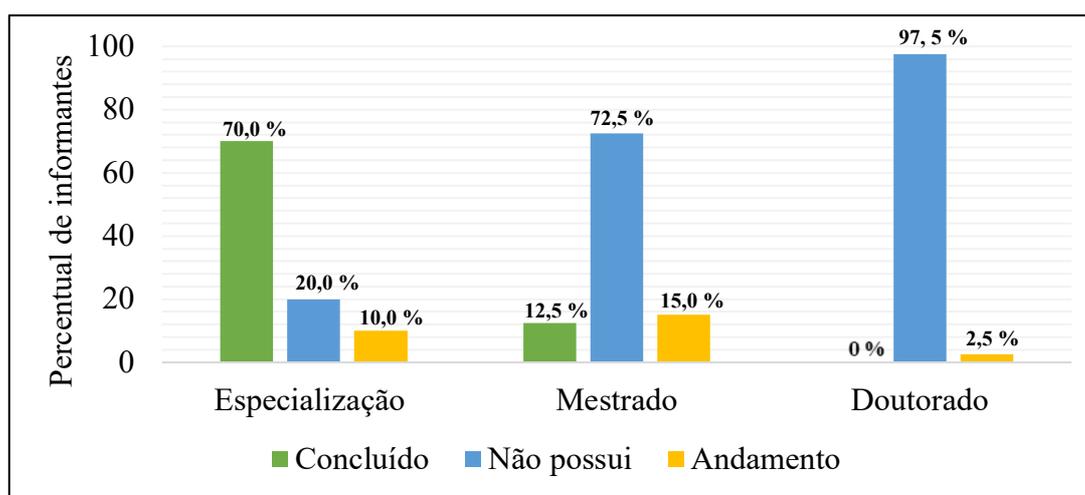


Gráfico 5³ – Formação em cursos de pós-graduação

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

De acordo com esse Gráfico, a especialização (pós-graduação Lato sensu) é a modalidade de pós-graduação concluída por 70% dos informantes da pesquisa, havendo alguns que concluíram mais de um curso de especialização. Poucos participantes concluíram o mestrado (12,5%), havendo ainda uma porcentagem um pouco maior de informantes (15%) que estão em busca de aumentar sua formação acadêmica nesse nível, o que pode representar uma tendência na área. O doutorado é cursado apenas por um informante, na área de Linguística Aplicada.

³ O Gráfico representa a formação no nível de pós-graduação cursada, em andamento ou concluída indicada pelos informantes. Neste sentido, se o informante possuir formação em mais de um curso ou em mais de uma modalidade, todas elas estão representadas nesse Gráfico.

Nos Gráficos 6 e 7, listamos as áreas de concentração dos cursos de pós-graduação (*Lato sensu* e *Stricto sensu*) concluídos pelos informantes para verificarmos os que apresentam maior destaque nas modalidades especialização e mestrado.

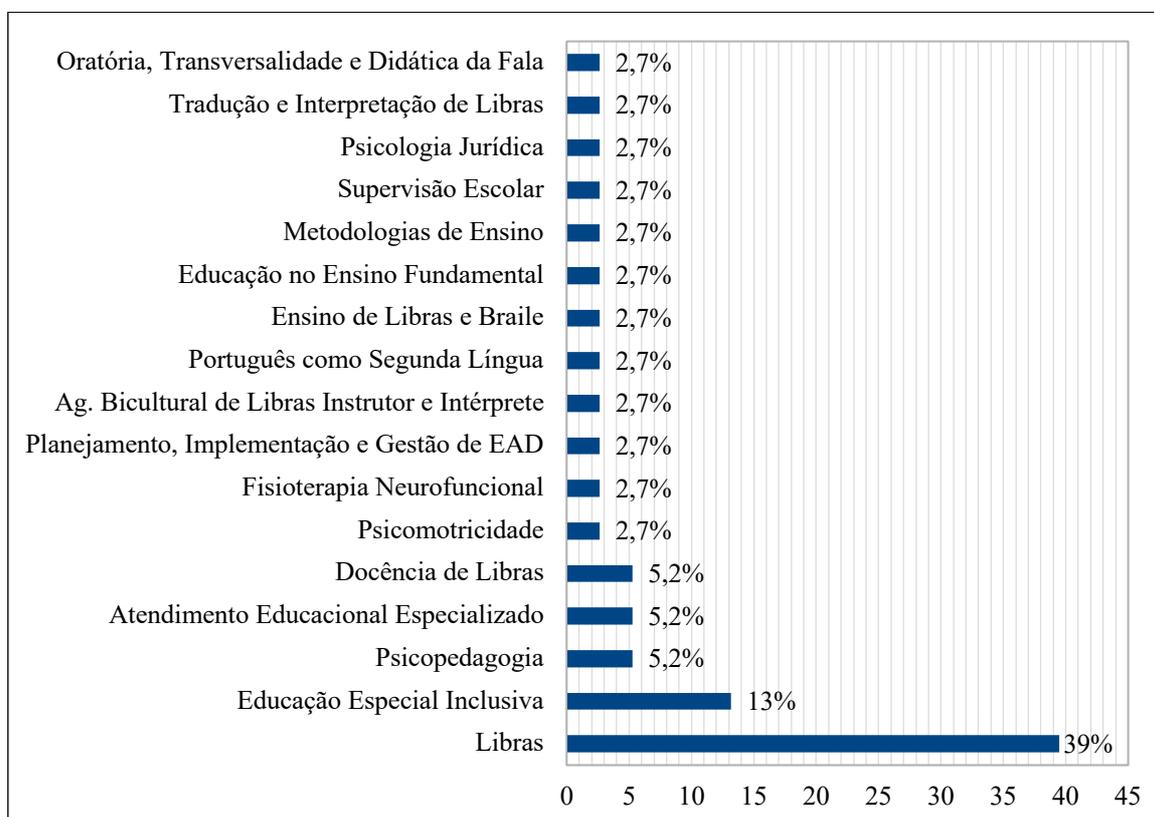


Gráfico 6 – Áreas de formação (Especialização)

Fonte: elaborado pelos autores.

Esse Gráfico aponta que a Libras é o curso de formação na modalidade especialização mais procurado pelos TILSP (39%), seguido por cursos na área de Educação Especial Inclusiva (13%). Neste sentido, cabe ressaltar que muitos dos que possuem uma graduação na área de Pedagogia ou outros cursos diferentes do Letras-Libras, conforme apontado no Gráfico 2, buscam cursar uma especialização na área de Libras.

O Gráfico 7 indica as áreas de formação dos informantes que concluíram o mestrado (12,5%).

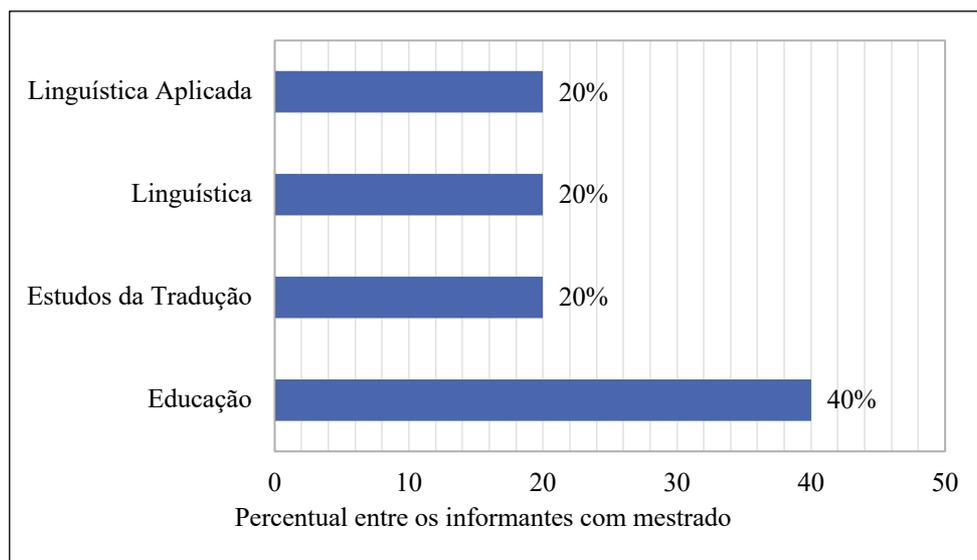


Gráfico 7 – Áreas de formação (Mestrado)

Fonte: elaborado pelos autores.

Esses resultados indicam que, dentre os cinco informantes que possuem mestrado, dois são na área da Educação e os demais em Linguística, Linguística Aplicada e Estudos da Tradução. Assim, as pesquisas desenvolvidas por esses informantes abarcam áreas diversas, com a Libras sendo investigada do ponto de vista do ensino, da tradução e da interpretação, dentre outros.

Quando comparamos os resultados dos Gráficos 6 e 7, constatamos que há um aumento na busca por formação além da graduação. Na formação no nível de especialização (Gráfico 6), estão contemplados cursos na área de Tradução e Interpretação da Libras (Tradução e Interpretação de Libras, Agente Bicultural de Libras – Instrutor e Intérprete) e outros cursos que, embora não sejam diretamente ligados ao estudo de tradução e interpretação, estão relacionados ao estudo da Libras e, se somados, totalizam cerca de 60%. Parte dos informantes dessa pesquisa (12,5%) já concluiu o mestrado em programas de Linguística e Estudos da Tradução, conforme aponta o Gráfico 7. Esses resultados, em consonância com a área de formação no ensino superior, são evidências da mudança de perfil formativo dos TILSP na última década e, também, de uma luta para uma configuração e estruturação de um campo que visa à institucionalização da formação de TILSP na esfera acadêmica (MARTINS; NASCIMENTO, 2015).

4.1.2 Perfil linguístico (L1 e L2)

Nas respostas sobre qual é a L1 e a L2, 97,5% dos informantes declararam o português como L1. Apenas um informante (2,5%) declarou a Libras como L1, e esse informante foi o único(a) CODA, isto é, filho(a) ouvinte de pais surdos.

Quanto à L2, 82,5% dos informantes declararam a Libras como L2, enquanto 10% declararam a Libras e o inglês concomitantemente, 5% declararam ser a Libras e o espanhol concomitantemente, e 2,5% responderam que o português é sua L2. É possível inferir, a partir desses resultados, que 15% dos informantes têm proficiência na outra língua além do português e da Libras, ou seja, são trilíngues.

As respostas sobre o domínio da Libras em número de anos foram as mais diversas. Em média, os informantes dominam a Libras há cerca de 13 anos. O informante que é proficiente na língua há mais tempo respondeu que a domina há 30 anos, e a informante que tem menor tempo de proficiência nessa língua respondeu que a domina há dois anos. Esses resultados parecem evidenciar que a maioria dos TILSP aprenderam Libras anteriormente à formação e à atuação como TILSP. Essa evidência se substancia ainda mais ao analisarmos as respostas dos informantes quando questionados sobre os meios de contato e de aprendizado da Libras. As respostas a essa pergunta estão representadas no Gráfico 8, a seguir.

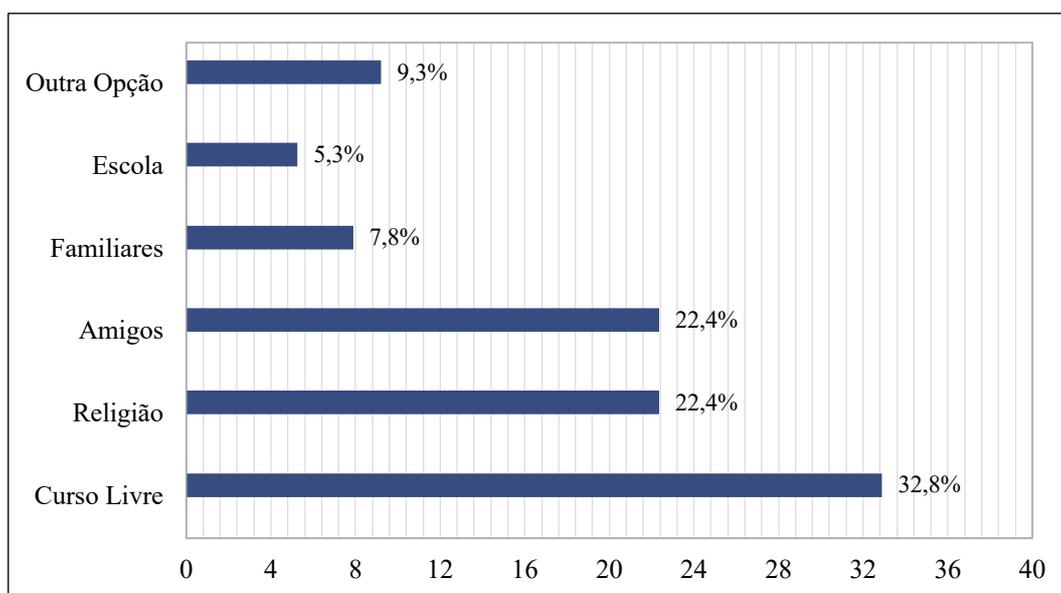


Gráfico 8 – Formas de contato e aprendizado da Libras

Fonte: elaborado pelos autores.

Cursos Livres foram apontados como o principal meio de contato e aprendizado da Libras. Esse seria provavelmente o meio mais formal e acadêmico apontado nessa pesquisa; os dois outros meios de contato e aprendizado da língua mais apontados pelos informantes são os espaços religiosos e os amigos, ou seja, espaços mais informais e comunitários, nos quais as pessoas, impulsionadas pela tentativa de auxiliar surdos na comunicação, buscam aprender a Libras (CRUZ, 2016).

O fato de muitos TILSP aprenderem Libras em espaços mais informais e comunitários pode ser confirmado também em outras pesquisas que analisam o perfil de TILSP (LACERDA; GURGEL, 2011; SILVA; FERNANDES, 2018), conforme apontado nos Gráficos 9 e 10.

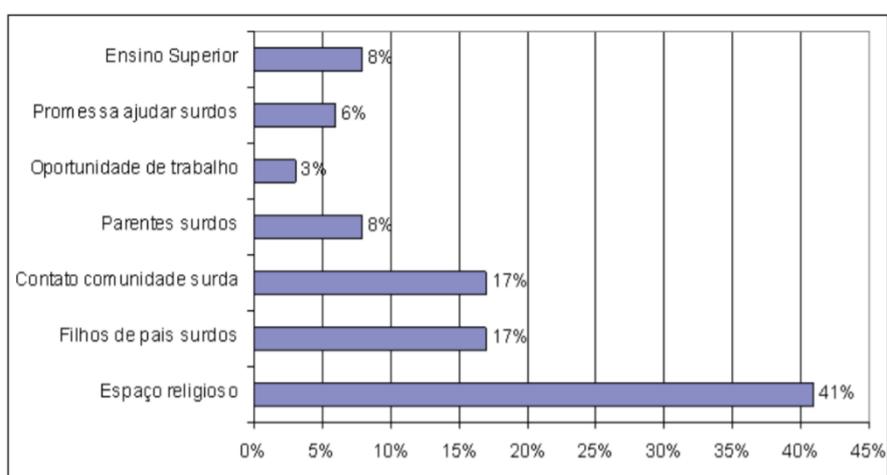


Gráfico 9 – Como você começou ou se tornou TILSP

Fonte: Lacerda e Gurgel (2011, p. 488).

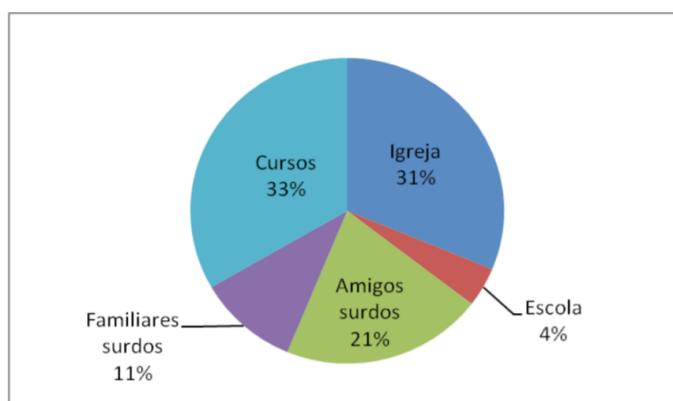


Gráfico 10 – Onde Aprendeu Libras?

Fonte: Silva e Fernandes (2018, p. 42).

Ao comparar os resultados da pesquisa de Lacerda e Gurgel (2011) com a de Silva e Fernandes (2018), é possível perceber o caráter comunitário de aprendizado da Libras e da atuação por parte dos TILSP, em especial nos espaços religiosos. Em nosso estudo, observamos que há um grande percentual de informantes que aprenderam a Libras de maneira informal (familiares, amigos, vizinhos etc.) ou de forma comunitária (igreja, associação de surdos etc.). No entanto, os resultados da presente pesquisa indicam que esses espaços de aprendizado da língua foram frequentados, em sua maioria, por TILSP com mais de dez anos de atuação, enquanto os TILSP com um menor tempo de atuação, de maneira geral, aprenderam a Libras em cursos livres e/ou em disciplinas de cursos de graduação, indicadas no item “outra opção” pelos informantes, conforme o Gráfico 8.

Esses resultados sinalizam uma mudança gradual de perfil dos tradutores e intérpretes de Libras, conforme já constatado por Martins e Nascimento (2015), que, ao analisarem o perfil de ingressantes no curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), constataram que 15% dos ingressantes eram fluentes em Libras. Do total de informantes do estudo dos autores, 31% ainda declararam ter pouco conhecimento da Libras, e 54% dos ingressantes no curso informaram não ter conhecimento dessa língua.

Os autores salientaram que esses resultados mostram que a procura pelo mercado de tradução e interpretação em Libras não se dá, em sua maioria, por pessoas que tiveram contato prévio com a língua em igrejas ou com a comunidade surda. Dessa forma, fica evidente uma progressiva mudança de perfis dos TILSP no que tange às formas de aprendizagem da Libras, aos espaços em que essa aprendizagem ocorre e à busca da profissionalização na área da tradução e interpretação.

Esse contexto de informalidade se tornou evidente por volta dos anos 2000, quando legislações começaram a dar o caráter oficial da Libras (BRASIL, 2002) e passou-se a garantir às pessoas surdas a acessibilidade linguística (BRASIL, 2005). Neste cenário, a necessidade de profissionais da área da tradução e interpretação em Libras aumentou significativamente. Havia pessoas que sabiam Libras e atuavam como intérpretes, mas não eram certificadas e, portanto, atuavam na informalidade (LACERDA; GURGEL, 2011). É nesse cenário que nasce o Prolibras.

O Prolibras foi um programa criado para a emissão de certificação de proficiência em Libras tanto para professores como para TILSP. Ele foi instituído pelo Decreto nº 5.626/2005, que regulamentou a Lei 10.436/2002, que reconheceu a Libras como meio legal de comunicação e expressão. A primeira versão desse programa ocorreu em 2006, ocasião em que 740 profissionais foram certificados como tradutores e intérpretes em todo o Brasil, tendo sido sua última versão em 2015, quando 777 pessoas receberam essa certificação de TILSP.

A fim de verificar o nível de proficiência dos informantes do presente estudo, no questionário aplicado, perguntamos aos TILSP se eles possuíam certificação do Prolibras e quais habilitações. As respostas a essa pergunta são representadas no Gráfico 11.

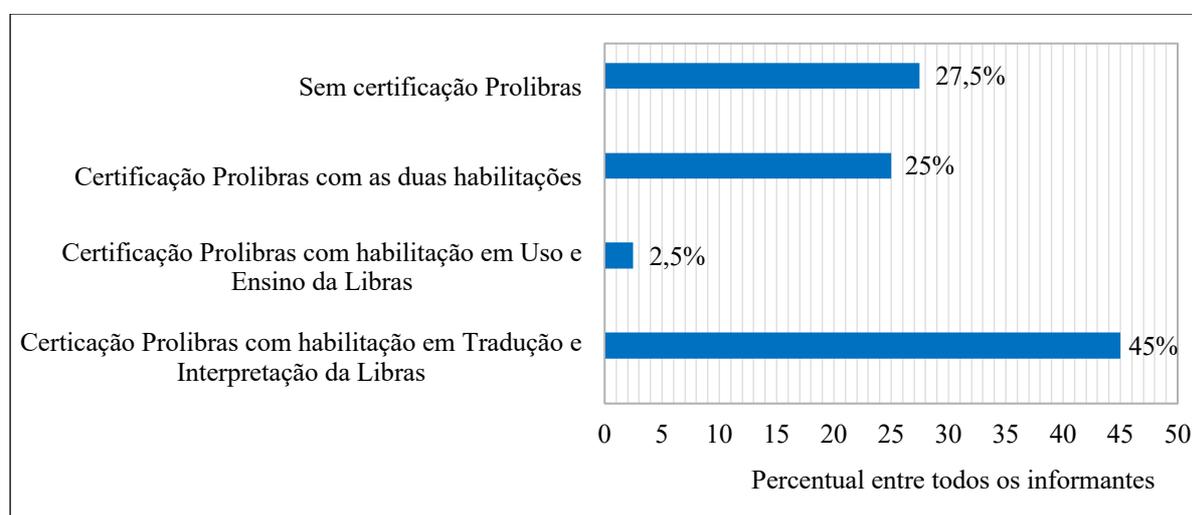


Gráfico 11 – Certificação do Prolibras

Fonte: elaborado pelos autores.

Do total de informantes desta pesquisa, 27,5% não possuem a certificação do Prolibras; os demais possuem, em sua maioria, a certificação do Prolibras para Tradução e Interpretação da Libras (45%). Vale ressaltar que esse programa de certificação findou em 22 de dezembro de 2015, tendo em vista o encerramento do prazo de dez anos estabelecido pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Desde então, são os cursos de graduação e de pós-graduação responsáveis pela formação de tradutores e intérpretes de Libras.

A Lei nº 12.319/2010 trouxe, por sua vez, a regulamentação da profissão de Tradutor e Intérprete de Libras, o que possibilitou a formalização da profissão e a garantia desse profissional em escolas, universidades e demais espaços públicos. Constatou-se que, a partir

dessa atuação, advém o maior percentual de fonte de renda dos informantes desta pesquisa, conforme aponta o Gráfico 12.

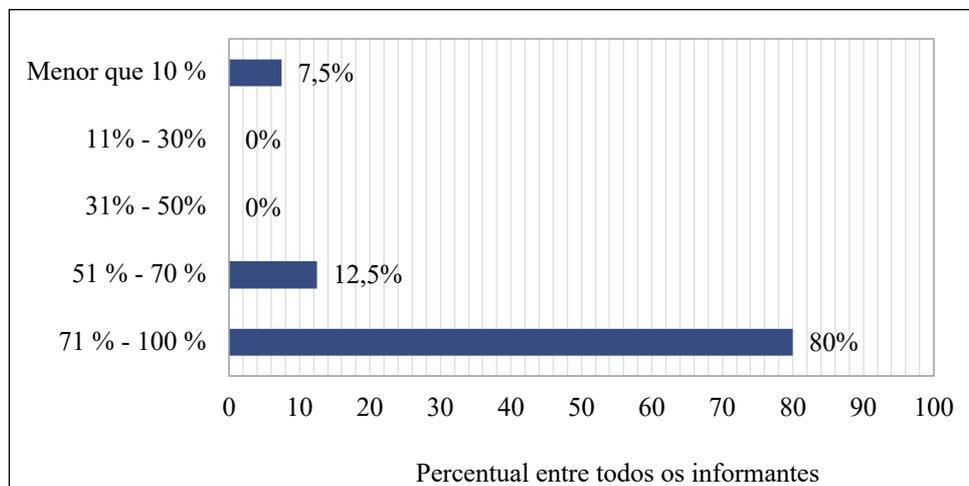


Gráfico 12 – Percentagem de renda advinda da atuação como TILSP

Fonte: elaborado pelos autores.

Os resultados apresentados nesse Gráfico apontam que a maioria dos informantes obtém mais de 70% de sua renda trabalhando como TILSP. Dessa maneira, para esses profissionais, a tradução e a interpretação constituem-se como atividade principal.

O Gráfico 13, a seguir, complementa essa informação ao indicar a quantidade de horas semanais dedicadas às atividades de tradução e interpretação de Libras-português.

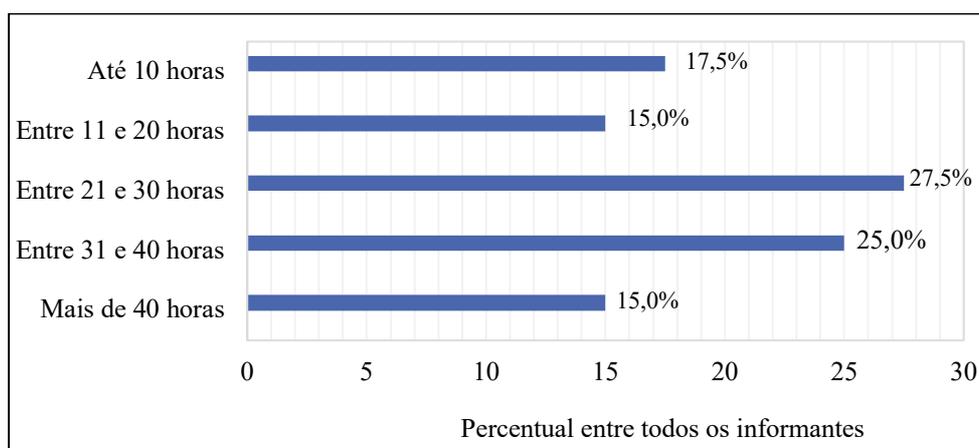


Gráfico 13 – Carga horária semanal dedicada à atuação como TILSP.

Fonte: elaborado pelos autores.

Ao analisar a carga horária semanal, é possível verificar que as duas opções mais selecionadas (entre 21h e 30h e entre 31h e 40h) juntas somam 52,5% do total de respostas. Essas faixas de carga horária equivalem àquelas exigidas para o cargo de Tradutor e Intérprete de Libras atuante no ensino superior, esfera de atuação da maioria dos informantes conforme percentual apontado no Gráfico 14.

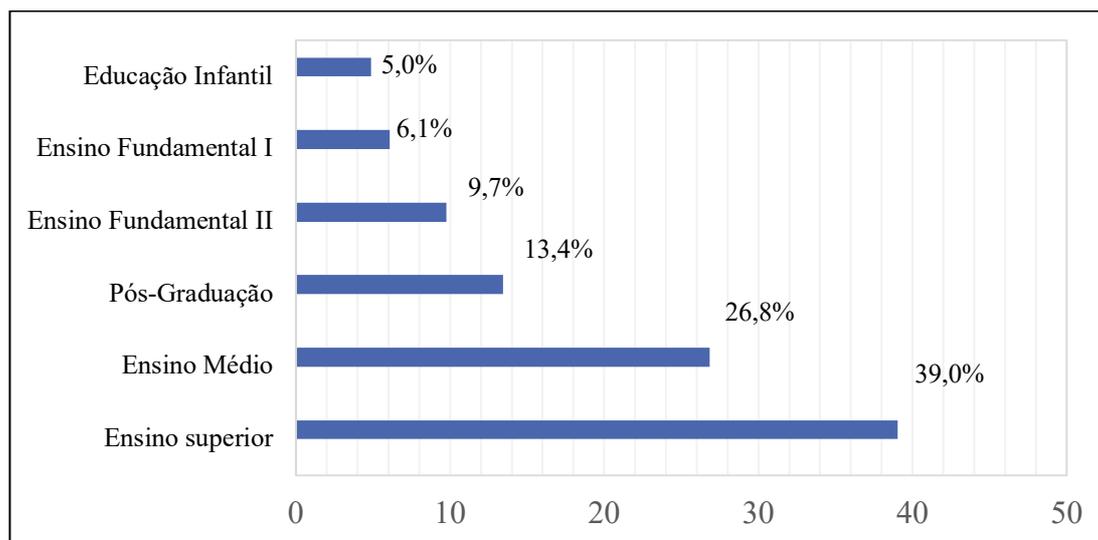


Gráfico 14⁴ – Nível de ensino em que os TILSP atuam

Fonte: elaborado pelos autores.

Cerca de 80% dos informantes atuam em Instituições Federais de Ensino (IFEs) e são regidos pelo Plano de Carreira dos Cargos Técnicos-Administrativos em Educação (PCCTAE), que contempla em seu quadro os cargos de Tradutor e Intérprete de Linguagem de Sinais e Tradutor e Intérprete, ambos com atuação estabelecida entre 30 e 40 horas semanais. No entanto, alguns deles ocupam cargos cujas funções são diferentes ou não envolvem exclusivamente a atividade de tradução e interpretação de Libras-português.

⁴ Alguns dos informantes atuam concomitantemente em mais de um nível de ensino. Sendo assim, o Gráfico contempla todos os níveis de atuação declarados pelos informantes.

4.2 Atuação e concepções sobre trabalho em equipe

Nesta seção, faremos uma análise das respostas às perguntas específicas sobre o trabalho em equipe feitas no questionário de perfil. Preferências de atuação, entendimento e percepção sobre o trabalho em equipe foram os questionamentos, conforme se observa nas questões apresentadas na próxima seção. Estabeleceremos em seguida relações entre as respostas dos TILSP e as abordagens teóricas sobre o trabalho em equipe.

4.2.1 Atuação em equipe

A primeira pergunta relacionada à atuação em equipe foi: “Você já atuou fazendo trabalhos de traduções e ou interpretações simultâneas em equipe (duplas, intérprete de apoio)?”. Ao analisar as respostas a essa pergunta, constatou-se que 97,5% dos informantes afirmaram que sim e apenas um (2,5%) afirmou nunca ter atuado em equipe. Esse resultado nos faz concluir, pela amostra de 40 informantes, que a maioria dos TILSP já tiveram ao menos um contato inicial com o trabalho em equipe.

Além disso, para os TILSP que responderam que trabalham em equipe, perguntamos “Há quanto tempo você atua em equipe?”. As respostas a essa pergunta indicam que os TILSP que trabalham em equipe já o fazem, em média, há cinco anos. A TILSP mais experiente atua há 15 anos em equipe e a menos experiente há cinco meses.

Ao responderem à pergunta “Na instituição na qual você trabalha é usual o trabalho em equipe (duplas, trabalho com intérprete de apoio)?”, os TILSP deveriam indicar com que frequência trabalhavam em duplas ou individualmente e se havia apenas um intérprete na instituição em que trabalhavam, o que impossibilitava a atuação em equipe. As respostas a essa pergunta estão consolidadas no Gráfico 15, na próxima página.

Em suas respostas, 32,5% dos TILSP indicaram que só trabalham em duplas, 17,5% afirmaram só trabalhar individualmente, 30% afirmaram às vezes trabalhar em dupla, às vezes individualmente, e 20% indicaram haver somente um intérprete na instituição em que trabalham. Esse último resultado merece destaque, pois evidencia que muitas instituições ainda não têm conhecimento e/ou não se conscientizaram da importância do trabalho em equipe como condição básica para manutenção da saúde do profissional (NAPIER; MCKE;

GOSWELL, 2006). Muitas delas também optam pela contratação de apenas um TILSP por questões financeiras e/ou falta de valorização do profissional (NOGUEIRA, 2016).

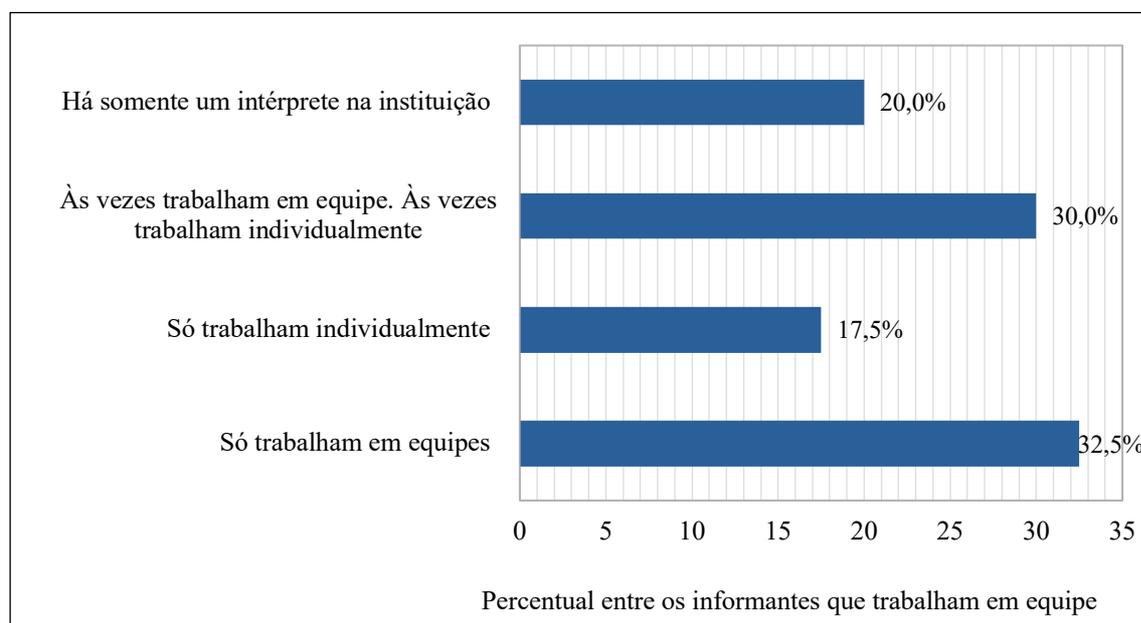


Gráfico 15 – Frequência de atuação em equipe na instituição em que trabalham

Fonte: elaborado pelos autores.

Trabalhar individualmente pode ser também uma preferência pessoal do próprio intérprete. Isso pôde ser constatado quando questionamos a preferência com a pergunta a seguir: “Em trabalho de interpretação simultânea em sala de aula e eventos, você prefere trabalhar sozinho ou em equipe? Justifique brevemente sua resposta.” 90% dos informantes declararam que preferem trabalhar em equipe. Do total de respondentes, 7,5% afirmaram que preferem atuar sozinhos se estiverem atuando em sala de aula, mas preferem atuar em equipe em eventos. Um informante (2,5%) afirmou não gostar de atuar em equipe.

Esses resultados apontam que, embora a maioria prefira trabalhar em equipe, não há uma unanimidade de preferência sobre esse tipo de atuação. Além disso, parece haver ainda um desconhecimento sobre a atuação em equipe, pois as respostas indicam que existem concepções diferentes sobre o funcionamento desse tipo de atuação. Isso pode ser confirmado ao analisarmos as justificativas indicadas pelos TILSP ao informarem sua preferência.

As justificativas dos 90% de informantes que preferem a atuação em equipe foram as mais diversas possíveis. Para uma melhor percepção delas, listamos as palavras-chave que

foram indicadas pelos TILSP em suas respostas e depois as contabilizamos, conforme apresentado no Gráfico 16 a seguir.

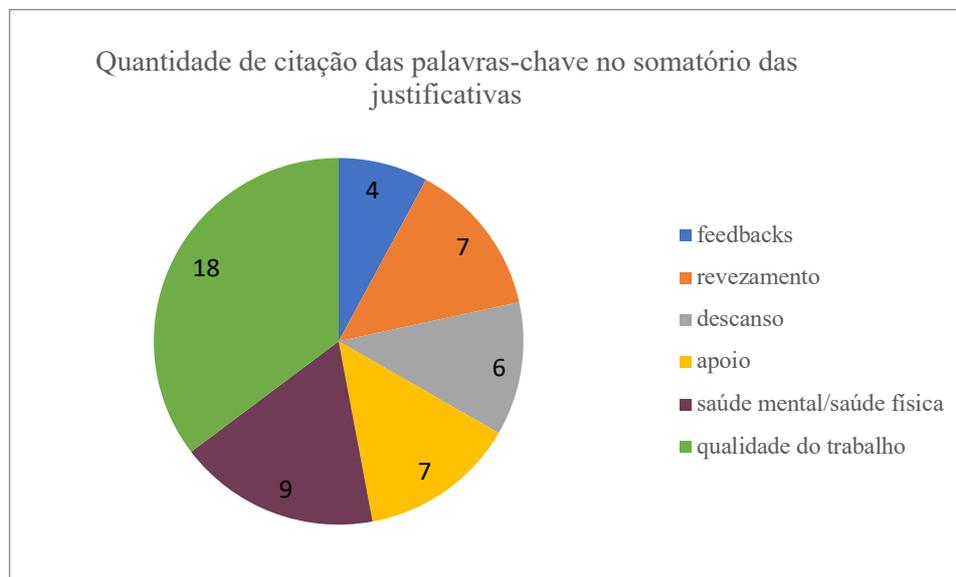


Gráfico 16 – Palavras-chave extraídas das justificativas dos TILSP que preferem atuar em equipe

Fonte: elaborado pelos autores.

A análise das diversas justificativas permitiu identificar algumas concepções sobre trabalho em equipe em processos de interpretação simultânea. Percebemos, inclusive, o enquadramento dessas concepções nos modelos de atuação em equipe delimitados por Hoza (2010), sendo eles: (a) o *on/off*, (b) o de monitoramento/apoio e (c) o interdependente. As palavras-chave “revezamento”, “descanso”, “saúde mental” e “saúde física” estão mais relacionadas ao modelo de trabalho em equipe descrito por Hoza (2010) como *on/off*, ou seja, os intérpretes atuam em duplas, mas o revezamento visa simplesmente ao descanso e às alternâncias de posto.

As palavras-chave “*feedback*” e “apoio” foram citadas quatro e sete vezes, respectivamente; elas podem ser relacionadas às descrições do segundo modelo de Hoza (2010), o monitoramento. Nesse modelo, a intenção vai além do revezamento, pois os intérpretes contribuem com *feedbacks*, correções em possíveis confusões de vocabulário ou ainda problemas estruturais (falhas no som, microfone etc.), colaborando assim para a melhoria da atuação do intérprete do turno.

Alguns informantes usaram alguns dos termos anteriores e complementaram suas justificativas com a palavra-chave “qualidade do trabalho”, que foi a palavra-chave mais citada nas justificativas; ela aparece 18 vezes. Entendemos que os TILSP podem visar à qualidade de uma interpretação em qualquer situação, mesmo não sendo em um trabalho interdependente. No entanto, Hoza (2010) afirma que a qualidade de um trabalho de interpretação ou uma interpretação ideal em equipe está atrelada a um trabalho de interdependência, ou seja, a uma equipe que trabalha visando atingir resultados positivos de forma colaborativa e durante todo o tempo de atuação da equipe, pois “[a] colaboração e a interdependência ocorrem antes, durante e após a própria interpretação”⁵ (HOZA, 2010, p. 9).

Partindo dessa concepção de trabalho em equipe como uma construção colaborativa e de interdependência, Nogueira e Gesser (2018, p. 128) ressaltam que “[n]ós entendemos que trabalho de apoio é uma ação dentro do trabalho em equipe que corresponderia uma ação maior de atuação e envolveria outras atividades durante o processo de interpretação”. No entanto, este não é o entendimento e a concepção dos TILSP que informaram sua preferência pela atuação individual ou a indicaram com restrições (10%)⁶. Por ser esse um quantitativo pequeno da amostra, optamos por analisar as respostas na íntegra, conforme as transcrições a seguir.

Transcrição 1: “Sozinha. Porque as vezes o outro não tem ética fica apontando erros sem humildade.” (Andrea⁷)

Transcrição 2: “Em sala de aula prefiro sozinha, já tentei trabalhar em dupla e os resultados foram confusos e os surdos sentiram-se prejudicados pelas trocas. Disseram que o raciocínio fora quebrado com as trocas. Em eventos prefiro trabalhar em equipe e trocar respeitando os assuntos abordados, normalmente as falas não são muito extensas. Se for um palestrante só eu prefiro ditar o ritmo e combinar um sinal para a troca. Preciso de um tempo para pegar o ritmo da interpretação e quando sinto que estou cansada sinalizo para outro da equipe.” (Beatriz)

⁵ Nossa tradução para: “*Collaboration and interdependence occur before, during, and after the interpretation itself*”.

⁶ Um dos informantes colocou apenas a palavra “sozinho” na justificativa, o que impossibilita uma análise aprofundada dessa justificativa.

⁷ Os nomes dos informantes aqui utilizados são fictícios a fim de preservar o anonimato deles.

Transcrição 3: “Desde que o intérprete seja ‘companheiro’ e saiba trabalhar em equipe, prefiro trabalhar em equipe” (Cecília)

A partir das respostas desses informantes, é possível analisar suas concepções sobre o que é uma atuação em equipe. A colocação da informante Andrea sugere desconforto pelo trabalho em equipe pela forma como os *feedbacks* ocorrem; ela os aponta como “apontamentos de erros sem humildade”. A informante pode estar se referindo à forma como esse *feedback* é fornecido ou ainda pode ser que a informante se incomode com interferências em sua atuação (correção vocabular, sugestões de sinais) e os encare de forma não-constructiva. Independente de qual seja a razão para essa resposta, é possível concluir que a TILSP não concebe o trabalho em equipe como sendo colaborativo e interdependente (HOZA, 2010). Fica evidente que ela não costuma trabalhar com um afinamento prévio da equipe, ou seja, padronização de sinais, acordos de formas de apoio durante a atuação e outras ações que se configuram no modelo interdependente e colaborativo apontado por HOZA. Muito provavelmente a concepção ideal de trabalho em equipe de Andrea se enquadre no modelo *on/off*, em que há somente o revezamento de postos, o que pode evidenciar o desconhecimento de outras formas de atuar em equipe e seus reflexos sobre o trabalho.

A informante Beatriz apresenta sua justificativa condicionando o trabalho em equipe ao contexto e ao respectivo público-alvo: se for em uma aula, prefere trabalhar sozinha e, se for em eventos, em equipe. Ela faz essa separação justificando que os surdos (público-alvo) preferem assim, pois ficam confusos e perdidos e sentem-se prejudicados com as trocas. Essas reclamações de fato são comuns por parte de alguns surdos. Brück (2011) ressalta em sua pesquisa que essa foi a justificativa de muitos surdos optarem por ter somente um intérprete em sala de aula. Em seu estudo, ela afirma que as diferentes “assinaturas de interpretação”, ou seja, a forma, o jeito de executar uma interpretação, são um incômodo para alguns surdos.

No entanto, cabe ressaltar ainda que fatores como experiência com interpretação, tempo de contato com as línguas envolvidas e a formação podem caracterizar diferenças nas “assinaturas de interpretação”. Elas podem ser amenizadas em um trabalho em equipe feito de forma interdependente, que preconiza uma colaboração mútua entre os membros da equipe antes, durante e após uma interpretação (HOZA, 2010). Em eventos, Beatriz prefere trabalhar em equipe, mas afirmativas feitas por ela como “eu prefiro ditar o ritmo” e “quando

sinto que estou cansada, sinalizo para outro da equipe” evidenciam um individualismo de atuação bem característico do modelo *on/off*, em que o entendimento de equipe se resume ao revezamento.

Por fim, a informante Cecília faz uma ponderação quando informa que sua preferência pelo trabalho em equipe estar relacionada às questões de “cumplicidade” e conhecimento dos TILSP sobre atuação em equipe. Essa cumplicidade não está associada necessariamente a uma afinidade pessoal, mas diz respeito à forma como a equipe combina o apoio. Hoza (2010, p. 6) discute sobre a importância desse afinamento entre os membros de uma equipe para um trabalho mais fluido: “A necessidade das equipes de intérpretes de trabalhar em conjunto para garantir equivalência na mensagem na língua-alvo requer que as equipes determinem quando e como fornecer suportes”⁸.

Essas diferentes perspectivas sobre o trabalho em equipe podem estar relacionadas à formação dos TILSP, conforme abordado em mais detalhes na subseção a seguir.

4.2.1 Abordagem da temática do trabalho em equipe na formação acadêmica

Nós questionamos os TILSP sobre a abordagem da temática da Tradução e Interpretação em Equipe durante a sua formação acadêmica. 57,5% responderam que essa temática foi abordada. Esse resultado se contrapõe aos 7,5% dos informantes, que responderam que a abordagem ocorreu de forma superficial e insuficiente e (35%) que relataram que a temática não foi abordada em momento algum da formação. Esses resultados são preocupantes, pois evidenciam que uma boa parcela dos TILSP que trabalham em equipe não o faz com uma reflexão teórica proveniente de sua formação. Isso evidencia que a atuação em equipes ocorre muitas vezes de forma intuitiva ou na troca de experiências entre os próprios TILSP.

Dentre os 57,5% dos informantes que indicaram que em algum momento da formação tiveram a abordagem da temática trabalho em equipe de uma forma satisfatória, 35% cursaram Letras-Libras. Alguns deles tiveram a discussão em disciplinas do curso de graduação e outros salientaram que o estágio foi um componente importante da formação para o conhecimento

⁸ Nossa tradução para: “*The need for teams of interpreters to work together to ensure an equivalent target language message requires that teams determine when and how to provide feeds.*”

dessa modalidade de atuação na interpretação simultânea. Os demais TILSP (22,5%), que não cursaram Letras-Libras, tiveram essa temática abordada em outros cursos de graduação, como o de Comunicação Assistiva ou em cursos livres e disciplinas isoladas de tradução e interpretação de Libras.

Esses resultados, como mencionado anteriormente, apontam para uma carência substancial da abordagem da temática da Tradução e Interpretação em Equipe em cursos de formação de TILSP, o que ratifica o caráter primeiramente prático que a área da Tradução e Interpretação em Língua de Sinais tem, inerente aos aspectos históricos de origem da atuação desses profissionais, conforme apontam alguns estudos (QUADROS, 2004; SANTOS, 2006; MARTINS; NASCIMENTO, 2015; RODRIGUES, 2013; SOUZA, 2014; NOGUEIRA, 2016).

5 Considerações finais

A análise dos resultados deste estudo permitiu-nos chegar a algumas conclusões preliminares e a fazer algumas reflexões sobre o perfil de TILSP e a atuação em equipes.

Ao traçar o perfil de TILSP atuantes em diversas instituições de ensino do Brasil, foi possível perceber alguns perfis bem definidos dos informantes dessa pesquisa. Temos aqueles que são graduados em áreas completamente diferentes das relacionadas à Letras/Linguística e/ou Libras e que buscaram sua certificação para a atuação profissional pelo ProLibras. Há aqueles que atuam há mais de dez anos com interpretação e que buscaram uma formação específica posteriormente, seja em nível de graduação ou pós-graduação. Por fim, há os que fazem parte de uma nova geração e que buscou uma formação na área Letras/Linguística e/ou Libras, sem necessariamente terem atuado antes como intérpretes, e que vieram a atuar como TILSP somente após sua formação. Esses três perfis evidenciam uma mudança gradual no campo de formação dos TILSP, bem semelhante ao destacado na pesquisa de Martins e Nascimento (2015). Isso mostra também uma preocupação cada vez maior dos TILSP na busca por uma formação que os capacite e os habilite para uma atuação mais profissional e acadêmica.

Ao fazer um levantamento das concepções e percepções que os TILSP brasileiros têm sobre o trabalho de interpretação simultânea em equipe, percebemos que, embora seja apontada com uma prática da maioria dos informantes dessa pesquisa, ela se dá de forma

muito mais intuitiva que reflexiva. Tal fato pode levar a uma prática de atuação em equipe mais caracterizada como grupo ou duplas de intérpretes que trabalham fazendo revezamento do que como uma equipe que trabalha de forma interdependente e colaborativa.

Finalmente, este estudo ressalta a importância da ampliação na abordagem da temática da Interpretação Simultânea em Equipe nos cursos de graduação e pós-graduação voltados para a formação de TILSP, como parte integrante do currículo, uma vez que esse tipo de atuação cresce significativamente no Brasil.

Esses resultados apontam também para a necessidade de mais estudos que discutam o trabalho de interpretação simultânea em equipe, em especial formas e possibilidades para salas de aula tanto do ensino superior como da educação básica. Urge também a emergência de estudos experimentais que analisem o processo de interpretação em equipe em relação aos aspectos cognitivos e seus reflexos tanto no processo quanto no produto de uma interpretação simultânea intermodal.

Referências

ASSIS SILVA, C. **Cultura Surda**: agentes religiosos e a construção de uma identidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

BRASIL, Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1, p. 28, 23 dez. 2005.

BRASIL, Lei n.10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 abr. 2002.

BRASIL. Lei n. 12.319, de 01 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. **Diário Oficial da União**, Brasília, 02 set. 2010.

BRÜCK, P. **Austrian Perspectives of Team Interpreting**: The views of deaf university students and their sign language interpreters. University of Applied Sciences Magdeburg-Stendal: 2011. Disponível em: http://www.academia.edu/8603248/Austrian_Perspectives_of_Team_InterpretingThe_Views_of_Deaf_University_Students_and_their_Sign_Language_Intérpreters. Acesso em: 26 jan. 2019.

CRUZ, R. M. H. Conflitos Éticos na Atuação do Tradutor Intérprete de Libras. **Revista Virtual de Cultura Surda**, n. 17, 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOZA, J. **Team Interpreting**. Alexandria: Rid Press, 2010.

LACERDA, C. B. F. de; GURGEL, T. M. A. Perfil de tradutores-intérpretes de Libras (TILS) que atuam no ensino superior no Brasil. **Rev. bras. educ. espec.**, v. 17, n. 3, p. 481-496, 2011.

LACERDA, C. B. F. **Intérprete de libras em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. Porto Alegre: Mediação, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382011000300009>

LEITE, E. M. C. **Os papéis dos intérpretes de LIBRAS na sala de aula inclusiva**. 2004. 182f. Dissertação (Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

MARTINS, V. R. O.; NASCIMENTO, V. Da formação comunitária à formação universitária (e vice e versa): novo perfil dos tradutores e intérpretes de língua de sinais no contexto brasileiro. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. especial 2, p. 78-112, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p78>

NAPIER, J.; McKEE, R.; GOSWELL, D. **Sign Language interpreting: theory and practice in Australian and New Zeland**. [s.l.]: The Federation Press, 2006.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de Libras-português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine**. 2016. 213 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

NOGUEIRA, T. C.; GESSER, Audrei. “As pessoas não sabem o significado de apoio”: percepções e competências no trabalho em equipe na cabine de interpretação libras-português em contexto de conferência. **Translatio**, Porto Alegre, v. 1, n. 15, p. 122-158, jun. 2018.

OLIVEIRA, P. Z. L. V. **Uma análise de perfis de competência tradutória e sua influência sobre o processo de tradução no par linguístico Libras-português**. 2019. 150 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019.

PAGURA, R. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **Revista DELTA**, v. 19, n. spe, p. 209-236, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502003000300013>

QUADROS, R. M. de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC; SEESP; Programa Nacional de Apoio a Educação de Surdos, 2004.

RODRIGUES, C. H. Translation and Signed language: highlighting the visual-gestural modality. **Cadernos de Tradução**, v. 38, n. 2, p. 294-319. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2018v38n2p294>

RODRIGUES, C. H.; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. esp. 2, p. 17-45, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p17>

RODRIGUES, C.H. **A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira**: efeitos de modalidade e processos inferenciais. 2013. 243 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ROSA, A. **Entre a visibilidade da tradução da Língua de Sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. 2005. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SANTOS, S. A. dos. **Intérpretes de língua de sinais**: um estudo sobre as identidades. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SANTOS, J. C. dos. **Interpretação individual e em equipe**: análise de perfil de tradutores e intérpretes de língua de sinais e uma proposta de estudo experimental. 2020. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2020.

SILVA, D; FERNANDES, S. F. O tradutor intérprete de língua de sinais (TILS) e a política nacional de educação inclusiva em contextos bilíngues para surdos: um estudo da realidade da rede pública estadual paranaense. **Revista Educação Especial**, v. 31, n. 60 p. 35-50, mar. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X24814>

SOUZA, L. C. da S. **A construção do ethos dos tradutores e intérpretes de língua brasileira de sinais e português**: concepções sobre a profissão. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Recebido em: 30.09.2020

Aprovado em: 20.02.2021